

Cumulonimbus-informaticos - Como a cibercultura reconfigura a vida societal.

Alexandre Quaresma.

Cita:

Alexandre Quaresma (2017). *Cumulonimbus-informaticos - Como a cibercultura reconfigura a vida societal. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/1665>

Cumulonimbus-informaticos

Por Alexandre Quaresma*

Há, pairando sobre nossas cabeças, gigantescas nuvens informacionais, ameaçando-nos com seus raios, trovões e ventanias. As tormentas já iniciam suas precipitações e começam a cair sobre nós. Nós somos o seu elemento. A faísca que produz o ribombar do trovão e a própria tempestade

Que diabos estamos fazendo com nossos sistemas cibernético-informacionais? Acaso paramos de pensar autonomamente com nossas próprias cabeças? Quiçá cessamos de procurar e manter o conhecimento por nós mesmos, intuitivamente, sensivelmente, abduktivamente, humanamente – como sempre fizemos, indagamos –, de buscar o sentido, o significado, a importância e a razão seminal de tudo que há a nossa volta? Daquilo que foi concebido, refletido e significado axiologicamente através dos tempos imemoriais, entregando tudo isso ‘de bandeja’ – o melhor de nós e de nossa civilização – às máquinas e aos sistemas informacionais que nós mesmos construímos e usamos? Seria isso – resumidamente – o que está a ocorrer conosco nesses dias velozes e acrílicos que vivemos na atualidade? Você que me lê, por exemplo, nesse exato momento, não tem mais sequer que pensar, raciocinar, localizar-se, articular-se por si, com livre arbítrio e autonomia, pois há – certamente – um aplicativo muito prático e conveniente fazendo isso por você e muito mais, o tempo todo. Substituindo-nos acintosamente, explicitamente, trivialmente, das tarefas mais banais até às mais complexas, delicadas e especializadas. E nós ainda nos tranquilizamos em saber que, se ocorrer algo de fato importante no nosso planeta e até fora dele, seremos informados de imediato. O sistema faz isso quase que automaticamente. Do mesmo modo que não é mais necessário também guardar, anotar ou memorizar nomes e sobrenomes do dia a dia das relações sociais, ou ainda direções e caminhos a serem trilhados nas urbes ou fora delas. O mesmo acontece com os dados e imagens, pois certamente seu telefone ou *tablet* pretensamente inteligente faz isso e muito mais por você. Uma delícia – convenhamos – e uma tragédia também. Sim, pois na cibercultura, a verdade, a notícia, o valor, a relevância – e, no extremo, o significado – são ditados pelo sistema e seus incontáveis aparatos.

Controvérsia milenar

Sócrates, um dos maiores e mais importantes filósofos que já pisaram na face da Terra, por exemplo, cinco séculos antes de Jesus Cristo – ou seja, há mais de dois mil anos atrás –, já se preocupava com isso, ou seja, ele temia que com a invenção da escrita não precisássemos mais guardar nada de nossa cultura e de nossos valores de memória, pois o conhecimento, que era até então oral, transmitido de geração a geração, poderia – segundo ele – ser amparado, conduzido e transmitido de outras formas, o que tornaria as pessoas mais imbecis do que elas já eram à sua época. Por esse motivo não escreveu uma linha sequer sobre seus pensamentos e conceitos. Tudo que sabemos sobre ele foi escrito por seus discípulos: **Platão** e Xenofonte. Ele estava – ao mesmo tempo – certo e errado. Certo, pois os saberes poderiam fluir, refluir, e serem armazenados e compartilhados a partir de outros meios, mas errado ao acreditar que a cultura oral morreria por essa razão, e que nos tornaríamos vazios e incompetentes. Sim, pois o futuro – até mesmo para os grandes pensadores – é algo insondável e imprevisível. E a prova disso está em toda parte. Hoje, mesmo em meio à profusão de próteses

cibernéticas das mais diversas naturezas, muitos ainda escrevem seus textos à mão ou em máquinas mecânicas do século passado. Não só por mera vaidade ou nostalgia – frise-se – mas pelo prazer sensorial que tais aparatos proporcionam. Um livro físico possui suas especificidades e qualidades, e nós, por exemplo, que precisamos acessá-los com muita frequência, devido a nossa atividade profissional de pesquisador e escritor, só vemos materiais em aparatos eletrônicos dessa espécie, caso não haja uma versão impressa do conteúdo específico que buscamos. Enquanto que a maioria da população – em especial os jovens, que já nasceram no seio da cibercultura – acha muito mais cômodo e prático ler tudo no telefone e no computador. Sem embargos, diante do avançar acelerado das técnicas e tecnologias, e das novas modalidades de interação que elas nos oferecem, é possível sustentar que vivemos um momento de incertezas com relação ao que somos, e ainda mais ao que seremos. Ou, dito de outro modo, no que nos transformaremos. E, nesses tempos atuais, poucas são as certezas afora a total incerteza. Essa é uma das poucas certezas que ainda temos. A professora ou professor que reclama de seus alunos por esses estarem plugados na rede durante a aula, ou não compreendeu o que se passa, ou está tentando se agarrar às suas pretensas e subjetivas verdades que serão, cedo ou tarde, superadas, ou, no mínimo, re-significadas. Nesse sentido, não é difícil perceber: uma grande tormenta se aproxima. Em verdade, ela já está aqui.

Quem somos

Mas atenção-atenção! Existe, nisso tudo, algo de essencial acontecendo. Algo que está bem diante de nós e parecemos não perceber: estamos em busca de nossa própria identidade, ou ainda, de nossa nova identidade. Uma identidade sistêmica. Individual e ao mesmo tempo planetária. E não há modelos nem rotas pré-traçadas, e o nosso destino também não está inscrito ou previsto em parte alguma. Somos uma soma de valores, prazeres, vícios, dores, necessidades que cada um elege e vive individualmente, livremente, experimentalmente, guiado, quase sempre, pela utilidade, pelo conforto e pela comodidade que toda essa nova conjuntura ubíqua oferece. Nós, que assinamos essa coluna, usamos o computador como máquina de escrever, ouvir música e pesquisar conteúdos, pontualmente, mas há quem o use como forma primária de vida, de identificação, de reconhecimento e realidade. Seja trabalhando, estudando, divertindo-se ou mesmo flinando no ciberespaço, sem nenhum objetivo definido, apenas pelo simples prazer sensorial de navegar nesse gigantesco e incomensurável oceano informacional. Quem somos nós para julgar tais atos? Onde está (ou estaria) a felicidade, a realização e o sentido? Eis a questão seminal. Se compartilhar cada gesto cotidiano realiza tais anseios, se o sentido da vida e da existência se transverte em conexões cibernéticas triviais e até compulsivas, quem somos nós para condená-los ou aprová-los? Se você precisa fotografar em detalhes a sua vida, registrando-a em pequenos fragmentos, passo à passo, o que você come, deseja, busca e valoriza, os lugares que vai, com quem você namora, o que você compra e usa, quem poderá lhe convencer que isso não faz sentido. Mesmo porque o sentido da vida, da existência, está onde o colocamos. Se ter cinco mil seguidores numa rede social qualquer faz sentido, para você, que problema há nisso? Há, pairando sobre nossas cabeças, gigantescas nuvens informacionais, ameaçando-nos com seus raios, trovões e ventanias. As tormentas já iniciam suas precipitações e começam a cair sobre nós. Nós somos o seu elemento. A faísca que produz o ribombar do trovão e a própria tempestade. “Amo todos Aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens: eles anunciam [escreveu Friedrich Nietzsche (1974:236)] que o relâmpago vem, e vão ao fundo como anunciadores. Vede, eu sou um anunciador do relâmpago, e uma gota pesada da nuvem: mas esse relâmpago se chama o *além-do-*

homem”. Esse notável filósofo foi um dos primeiros a anunciar esse futuro que hoje experimentamos. Inspirado, ele faz diversas vezes referência a essa possibilidade de o ser humano não ser um fim em si mesmo, mas simplesmente uma ponte ou um meio para que emerja uma nova conjuntura, bem menos antropocêntrica do que a que estamos acostumados a imaginar como sendo verdadeira.

Identidade planetária

Se buscarmos fundamentação na teoria psicanalítica, por exemplo, não seria um erro afirmar que hoje somos um grupo humano ciberneticamente conectado que dá forma e mente a uma consciência maior e coletiva que nos engloba e abarca. E é em rede que nos reconhecemos, mensuramos nossas identidades. Retornando ao caso hipotético de uma professora ou professor queixoso, e objetivando compreender esse *novum*, o problema maior – segundo o nosso rude entendimento – está justamente em não informar aos alunos de sua classe que eles terão, provavelmente, um aproveitamento acadêmico fraco, deficiente e/ou insuficiente, devido às distrações que a ubiquidade cibernética proporciona, e ponto final. Outra opção, bem mais radical e retrógrada, frise-se, seria proibir essas próteses cibernético-informacionais nas suas aulas, o que seria – perdoem-nos a franqueza – querer nadar contra a correnteza. Principalmente, porque as grandes e mais importantes instituições acadêmicas de ensino já estão incorporando tais ferramentas em seus métodos de aprendizagem. O ciberespaço e cibercultura são realidades impositivas, de certo modo irretrocedíveis, e quem não souber decifrar seus sinais e signos será, simplesmente, tragado por suas imposições, contingências e ressignificações cada vez mais presentes. Sim, é possível proibir celulares, computadores e congêneres nas salas de aula, mas o que isso significará afinal? Sabedoria? Retrocesso? Avanço disciplinar ou controle abusivo? É cedo demais para responder em caráter definitivo. Certas coisas e acontecimentos demandam um certo tempo para serem assimiladas e compreendidas em suas reais significações. Num cenário ótimo – achamos bastante crível –, seria interessante e até produtivo incluir tais próteses no contexto pedagógico-educativo. **Shakespeare**, por exemplo, hoje considerado um dos mais conceituados escritores de todos os tempos, era visto e estigmatizado por seus coetâneos como um romancista vulgar e inexpressivo, pois não era possível à época avaliar o significado e a importância de seu trabalho e sua obra, que hoje sabemos ser genial. Não havia um público capaz de julgá-lo com justiça. Da mesma maneira é prematuro querer julgar aqueles que depositam na interação on-line suas expectativas vitais mais estruturantes e seminais, não conseguindo se desconectar nem se afastar de suas próteses e das conexões que elas consomem. E as razões disso são bastante óbvias: a rede informacional que nos envolve na atualidade proporciona uma sensação fugaz de exposição e reconhecimento, de ligação interpessoal e reciprocidade, e isso, para o sujeito que se engaja nessas relações, é fundamental. Ele acredita que cada postagem que faz é importante para o mundo que o rodeia e terá significado para alguém que não seja ele mesmo. O que geralmente se ignora é que as pessoas de modo geral não querem saber ou se interessam por nada e ninguém que não seja elas mesmas. Mas isso de fato não interessa ao usuário comum, pois a sensação que ele experimenta ao compartilhar fragmentos recortados de sua vida já traz prazer, mesmo que ninguém acesse, veja, curta, siga ou compartilhe.

Futuro incerto

O fato irrefutável que não pode ser ignorado é que estamos completamente deslumbrados com o que criamos, e que acolhemos essas novas tecnologias sem o

menor sacrifício. Pelo contrário, com alegria e satisfação. Mas, como não poderia deixar de ser, existe também o lado perverso e nefasto dessa estória toda, que diz respeito ao fato de que a cibercultura envolve interesses financeiros inimagináveis. Essas benesses têm um preço – altíssimo, diga-se –, e o que o usuário acredita piamente serem necessidades, acaba gerando uma enorme despesa. E o pior: ele, sem saber, ainda gera e disponibiliza dados pessoais e privados sobre a sua vida, compartilhando-os voluntária ou involuntariamente com as operadoras, com o Grande Irmão, com a NSA e vai-se saber mais com quem. Todavia, deixando essa devassa informacional consentida da qual fazemos docilmente a nossa parte, existem questões mais urgentes. Por exemplo: o quê significa essa necessidade que a maioria pratica? Esse padrão comportamental que emerge com a cibercultura? Pois mesmo que alguns não comunguem com tais hábitos e práticas compulsivas, a grande massa consumidora acaba ditando a cultura, definindo o que é e o que não é comercialmente viável, vendável e pretensamente útil. Mesmo porque a tecnologia se orienta primordialmente pelo e para o mercado. Ainda assim, voltando ao objeto difuso de nossa crítica ensaística, não sabemos praticamente nada acerca desse novo modo de viver que começamos a cristalizar. Basta sair às ruas para ver. As atenções de todos estão voltadas para telinhas azuis que estão sempre nas mãos. Na dúvida, para passar o tempo, para driblar o tédio... Não interessa, todos, ou quase todos, estão nessa mesma vibração, sintonizados numa mesma frequência. E é compreensível, pois nesse incomensurável oceano cibernético-informacional que nos envolve e absorve, não é mais possível saber e diferenciar o que seria trabalho ou prazer, estudo ou lazer, necessidade ou patologia, pois tudo se funde num mesmo sintoma. Independentemente disso tudo que elencamos até aqui, o que não pode deixar de ser percebido é que essa ubiquidade onipresente está transformando significativamente as relações sociais. E o faz muito rapidamente. *Muito além do bem e do mal* como diria Friedrich Nietzsche, não é algo simplesmente bom ou ruim, é simplesmente diferente e está marcando a nossa época, os nossos hábitos, a nossa cultura e os nossos tempos. Não são só as transações digitais financeiras, os corretores robô, as centrais de atendimento em que somos atendidos por máquinas, mas também as infindáveis trocas que realizamos – de uma maneira ou de outra – por intermédio de nossas próteses e sistemas informacionais o tempo todo. Um telefonema via celular, uma busca no GPS, uma mensagem de texto enviada por SMS, uma pesquisa específica num motor de busca qualquer desses que há por aí, e pronto. Estamos na rede. Mediados por ela. Enredados nela, emaranhados nessa absorvente e multifacetada teia, revelando tudo sobre o que somos, queremos, fazemos e assim por diante. E isso, historicamente, pode ser mensurado como um fenômeno relativamente recente. Não é incorreto afirmar que estamos povoando o mundo com sistemas e mais sistemas robóticos, que, por sua vez, vão se misturando à nossa vida, de tal forma que eles acabam determinando aquilo que somos.

Febre coletiva

As febres virais coletivas que experimentamos na atualidade são eventos psicossociais que revelam – nada mais nada menos – que os valores novos, estruturantes e mais sólidos que emergem na socioambiência e no sistema societal em que estamos inseridos, dando forma a um novo paradigma de inteligência coletiva. Sem mencionar, é claro, que toda espécie tosca de masturbação digital que vemos e vivemos aqui e alhures, que trespassa camadas sociais e países, em que as pessoas simplesmente passam o tempo quase que inteiro postando e compartilhando superficialidades narcísicas, que talvez só façam sentido para elas mesmas, ou mesmo se distraíndo da dura realidade – não importa –, tudo isso vêm de encontro às nossas carências mais

primitivas e abissais: nossa solidão, insignificância, carência, nosso anseio por sermos aceitos pelos amigos, pela família e pelo grupo, e, principalmente, nosso desamparo originário irreparável senão na morte. Ainda assim, mais do que tentar julgá-los (usuários e internautas), ou ainda objetivar classificá-los e enquadrá-los de acordo com os seus hábitos e comportamentos, sejam *benéficos* ou *nefastos*, segundo quaisquer regras ou normas morais – não importa –, interessa-nos muito mais compreendê-los, significá-los e constelá-los nessa grande egrégora trans-pessoal que se amalgama à nossa civilização tecnoindustrial. Nós, que quase nada sabemos, afirmamos que somente depois da passagem da tempestade, bem depois... quando tudo se auto-determinar e se acalmar, em conformidade diametral com as sensibilidades sociais, é que nós poderemos – talvez – verificar o que sobrou de nosso antigo e milenarizado mundo não-informatizado, analógico e enciclopédico, aquele ao qual estávamos tão confortavelmente acostumados, e, também, ser capazes de mensurar que outro mundo novo é esse – ciber-tecnologizado – que edificamos em seu lugar. O resto são arbitrariedades ou especulações. Ponto.

Vibração e frequência

Nós que gastamos nosso tempo cotidiano e nossa atenção criticando – quase sempre que possível construtivamente – esses sintomas e comportamentos coletivos, que a *cibercultura* sintetiza muitíssimo bem, sentimo-nos na obrigação de socializar um curioso acontecido particular com os leitores, que nos fez mergulhar ainda mais fundo em nossas questões abordadas nessa cibercoluna que assinamos honrosamente há quase 26 edições. Pois bem, estávamos nós a finalizar justamente este artigo, que mais uma vez tenta dar conta dessa nossa nova tecnoidentidade, quando, do nada, descobrimos que estávamos completamente – ou quase que completamente ciber-desconectados do mundo além do gabinete-biblioteca em que trabalhávamos – sem telefone fixo, sem televisão e também sem conexão com a internet, já que o provedor dos três serviços é uma mesma empresa que, por alguma razão que nós desconhecíamos, não estava fornecendo os mesmos. Temos que confessar que, por algum tempo, experimentamos uma certa sensação desagradável de incompletude e impotência, de desacoplamento e desaparecimento, isolamento mesmo, já que todos nós – lembremo-nos –, sem exceções, fazemos parte dessa zorra toda tecnocientífica que aí está, a nos sustentar, submeter e absorver. Nós, em nossa insignificância, inadvertidamente, ansiávamos por saber as novidades frescas (ou podres) da política... Que está pegando fogo! Da punição ou não dos corruptos... Saber se o mundo continuava essa mesma porcaria de sempre... Se havia ou não uma luz no fim do túnel na crise dos refugiados... Ou seja, essas coisas normais que fazemos habitualmente sem nos perguntar por que, ou, melhor dizendo, o de costume... Todavia não! Não foi possível. De jeito nenhum. Para o meu desgosto havia um problema técnico que estava sendo reparado – informou-me o robô da operadora que já reconhece o meu número de celular –, e que a previsão de re-estabelecimento das referidas conexões era de aproximadamente vinte e quatro horas. Diante desse cenário desalentador, e para não me sentir completamente desamparado e nu, tecnologicamente falando, é claro, atônito, liguei o rádio da cozinha e fui cuidar da minha vida na santa paz de Deus. Destarte, num último suspiro reflexivo, cheguei a uma conclusão interessante: com as tecnologias criamos uma vibração específica, e mantemo-nos constantemente ligados em sua frequência... Dois conceitos importantes e pertinentes: Vibração e frequência.... Mas aí já é assunto para uma próxima cibercoluna. Axé!

Hiperlinks

Sócrates – (469 a.C./399 a.C.) foi um importante e notável filósofo ateniense que viveu no período clássico da Grécia Antiga. O seu sólido e complexo filosofar cotidiano constituiu a base da Filosofia, sustentando-a até os nossos dias. Ele, sabidamente, foi um divisor de águas dessa disciplina, e também um pensador essencial para quem quer compreender a história da filosofia Antiga e contemporânea, já que essa se divide em duas fases distintas, que se orientam no tempo segundo a seguinte disposição: os pré-socráticos (Thales, Anaximandro e Anaxímenes, por exemplo) e os demais filósofos que vieram depois dele (como Platão, Aristóteles e Xenofonte). Esse filósofo também deslocou da realidade natural para a realidade humana o foco da reflexão filosófica, fundou a ética e propôs um novo objetivo para a prática da Filosofia. Sócrates era um espírito livre, um rebelde nato, e pensava com a sua própria cabeça, sem se fiar em outra coisa que fosse a sua fiel razão e o seu próprio raciocínio e entendimento acerca da realidade que o cercava. Além disso, a sua aparência também fugia bastante à regra de seu tempo, já que ostentava cabelos compridos e uma certa palidez amarelada que, segundo alguns autores registraram, não podia condizer com o modelo de virtude e conformidade da época, e por isso era ironizado por seus opositores e desafetos. Sócrates também era duramente criticado por esses mesmos interlocutores, já que eles certamente não o compreendiam. Outra razão importante que levava seus coetâneos à perplexidade, reportada pelos historiadores e autores que escreveram sobre ele, é que ao contrário dos demais filósofos de sua época, Sócrates não cobrava por seus ensinamentos filosóficos, o que era totalmente incomum e provocava certa indignação e desconforto nos demais pares que, ao contrário dele, ganhavam a vida por meio do ensino da disciplina de filosofia. Esse filósofo, segundo se conta, também gostava de incitar os transeuntes e cidadãos comuns ao debate, interpelando-os em praça pública, forçando-os a raciocinar sempre através da razão. Tudo isso levou este pensador extraordinário a uma situação limite: seus desafetos o acusaram de crimes graves. Sócrates é aquele que desprezou os deuses da cidade, substituindo-os por outros de origem nova [diziam seus acusadores], e que corrompeu os jovens, afastando-os dos seus deveres familiares e das orientações da constituição democrática, fazendo depender as suas relações familiares e de amizade de um interesse utilitário; é também alguém que se dedicava aos estudos cosmogônicos e que usava a literatura para fins subversivos. Devido às suas ideias e ideais um tanto quanto destoantes e até revolucionários para a cultura e os costumes de seu tempo, foi sumariamente acusado, e isso se deu através de um julgamento histórico, seguido de uma condenação infame e controversa, que levou esse filósofo tão notável – segundo alguns, o mais virtuoso cidadão da Grécia – à morte por envenenamento. Ele morreu – frisemos – em nome de seus princípios, sem fraquejar ou titubear diante de tamanha e brutal adversidade, que é a iminência de enfrentar a própria morte.

Platão – (428 a.C./347 a.C.) foi outro importante e notável filósofo e matemático ateniense, que viveu no mesmo período. Aluno de Sócrates, Platão registrou em seus escritos – na medida do possível – os ensinamentos filosóficos de seu mestre. Entre muitos outros feitos notáveis, fundou a primeira academia em Atenas, o que se pode dizer que foi a primeira escola de filosofia e precursora das atuais universidades.

Nietzsche – (1844/1900) foi um filósofo extraordinário alemão que escreveu vários textos críticos sobre religião, moral e cultura contemporânea, além, é claro, sobre filosofia e ciências. Seu estilo de refletir e escrever era eivado por metáforas, ironias e aforismos. Para o horror e perplexidade de seus coetâneos, anunciou a morte de Deus, como forma de expressar o que estaria por vir. Foi o primeiro filósofo a perceber o que chamamos hoje de Pós-humano.

Shakespeare – (1564/1616) foi um grande poeta e dramaturgo inglês que produziu obras extraordinárias. Todavia, devido a sua genialidade e competência, e devido também ao despreparo de seus coetâneos, sua reputação só veio a se concretizar realmente depois de sua morte. Hoje, sem sombra de dúvida, é considerado o mais importante dramaturgo da história.

NSA – Durante muito tempo os serviços de inteligência de todo o mundo, temendo e respeitando a justiça, salvo exceções, só podiam efetuar monitoramentos, rastreios digitais, ‘grampos’ e ‘escutas’, por efeito de ordens judiciais expressas, oriundas de um tribunal especial, depois da confirmação de forte indício criminoso por parte dos futuros monitorados. Atualmente, basta a NSA suspeitar ou ter qualquer pequena evidência (ou interesse) sobre alguém, e seus dados serão devassados imediatamente, como os estadunidenses gostam de dizer, “em nome da segurança [paranóia] nacional”. E, atenção! A NSA também coleta outros tipos de dados, como sinal de celular, por exemplo, imagens de satélites, câmeras internas de segurança e vigilância, aviões espões não-tripulados, indetectáveis por radares, fazem mineração de dados, enviam espões ‘invisíveis’ e a lista de intrusividades parece de fato não ter fim.

***Alexandre Quaresma** é escritor ensaísta, pesquisador de tecnologias e consequências socioambientais, com especial interesse na crítica da tecnologia, pesquisador membro da RENANOSOMA (Rede de Pesquisa em Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente) vinculado à FDB (Fundação Amazônica de Defesa da Biosfera). É o autor dos livros *Humano-Pós-Humano – Bioética, conflitos e dilemas da Pós-modernidade*; *Engenharia genética e suas implicações (org.)*; *Nanotecnologias: Zênite ou Nadir?* É membro do Conselho Editorial de Ciência e Sociedade da *Revista Internacional de Ciencia y Sociedad*, do Common Ground Publishing, e autor dos livros *Humano-Pós-Humano – Bioética, conflitos e dilemas da Pós-modernidade*; *Engenharia genética e suas implicações (org.)*; *Nanotecnologias: Zênite ou Nadir?* E-mail: a-quaresma@hotmail.com